

Cabra Marcado para Morrer / 1984

um filme de Eduardo Coutinho

Realização e argumento: Eduardo Coutinho / **Textos:** Eduardo Coutinho, com a colaboração de Eduardo Escorel / **Fotografia:** Fernando Duarte (material a preto e branco, filmado em 1964) e Edgar Moura (material a cores, filmado em 1981) / **Som:** Jorge Saldanha / **Montagem:** Eduardo Escorel / **Narração:** Eduardo Coutinho, Ferreira Gullar, Tito de Lemos / **Com:** Elizabeth Teixeira e seus filhos Abraão, Carlos, Isaac, Maria das Neves, Eliana, João Virgínio Silva, trabalhadores de Galileia (Pernambuco), Sapé (Recife), etc.

Produção: Produções Cinematográficas MAPA / **Produtor:** Leon Hirszman (filme de 1964), Eduardo Coutinho, Zelito Viana, Vladimir de Carvalho (filme de 1981) / **Cópia:** DCP, 119 minutos, versão original falada em português sem legendas / **Estreia Mundial:** Festival Internacional de Cinema, Televisão e Vídeo do Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1984 / **Primeira apresentação em Portugal:** 1º Festival Internacional de Cinema de Tróia (novembro de 1985) / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa: abril de 1987 (Ciclo de Cinema Brasileiro).

Novembro de 1984: No primeiro Festival Internacional de Cinema, Televisão e Vídeo do Rio de Janeiro, estreava-se “o filme marcado para reviver” como titulava a “folha” do Festival do dia 24 desse mês e ano. No Brasil, chegava ao fim a presidência do General João Baptista Figueiredo (Presidente desde 1979) e os militares, após vinte anos de regime, preparavam-se para devolver o poder aos civis. Aconteceria, como se sabe, no ano seguinte, com a eleição de Tancredo Neves e a euforia da “libertação” sufocada pela longa agonia e morte do Presidente que não chegou a tomar posse. Seria o Vice-Presidente eleito – José Sarney – o primeiro civil a assumir a presidência, vinte e um anos depois de João Goulart ser derrubado por um golpe militar.

Precisamente no ano em que se perfaziam 20 anos de ditadura, estreiam-se – beneficiando da abertura de João Figueiredo e do clima de pré-democracia – duas das obras que mais directamente a punham em causa. Uma é a que vamos ver. A outra é **Memórias do Cárcere** de Nelson Pereira dos Santos.

Clima de pré-democracia, disse. Mas também e nos meios ligados ao “cinema, ao vídeo e à televisão” clima de grande euforia, de que a própria criação do Festival é bastante sintomática. Vinte anos depois, também, da primeira telenovela de grande sucesso (**A Moça que Veio de Longe** de Ivani Ribeiro, estreada pela TV Excelsior em 64) as telenovelas da TV Globo eram um fenómeno mundial que ultrapassavam os cálculos

mais otimistas e batiam records de audiência em países dos cinco cantos do mundo. **Anarquistas Graças a Deus** (Walter Avancini, com Débora Duarte, Ney Lotorraca) era o "hit", do ano. No cinema propriamente dito, as coisas não iam tão bem: passado o grande "boom" de 76 - 81 (**Dona Flor e Seus Dois Maridos** de Bruno Barrete, **Xica da Silva** de Carlos Diegues, **A Dama do Lotação** de Neville de Almeida, **Lúcio Flávio** de Hector Babenco, **Bye Bye Brasil**, de Carlos Diegues, **Eu Te Amo** de Arnaldo Jabor, **Eles Não Usam Black-Tie** de Leon Hirszman, para apenas citar filmes que se situaram entre os 3 e os 10 milhões de espectadores, no Brasil) os anos de 82 e 84 (marcados inclusive pela discutida proibição de **Pra Frente Brasil** de Roberto Farias, em 32) são de recessão. Se a televisão ia de vento em popa, se o vídeo-clip começava e prosperar, os caminhos do cinema tornavam-se algo confusos entre a vaga de "pornochanchadas" o regresso a matrizes do "cinema novo" e o retorno do "udigrudi" (palavrão paulista para designar o cinema de "underground", nascido nos finais dos anos 60) com os novos filmes de Bressane e Sganzerla, estreados em 85.

Como nos será dito em **Cabra Marcado para Morrer** (abundantemente) as primeiras imagens dele começaram a ser rodadas em Fevereiro de 1964, cerca de dois meses antes do golpe militar e mais de vinte anos antes da sua estreia. Com produção de Leon Hirszman – então um dos nomes grandes do "cinema novo" – dirigia-as um homem de 31 anos, Eduardo Coutinho. Jornalista, diplomado pelo IDHEC em Paris, encenador teatral e animador cultural, fora ele quem, em 1962, dirigiu a produção de **Cinco Vezes Favela**, historicamente considerado o "filme-manifesto" do cinema novo (filme em "sketches" de Marco Farias, Miguel H. Borges, Carlos Diegues, Joaquim Pedro de Andrade e Leon Hirszman). Em 64, Eduardo Coutinho pretende estreiar-se na realização e filmar em Galileia (Pernambuco) a vida e morte do líder camponês João Pedro Teixeira, assassinado em 1962, aos 44 anos.

O filme vos falará – melhor do que eu – das peripécias desses 35 dias de rodagem e de como tudo acabou, quando do golpe militar de Abril de 64. Os militares julgaram ter destruído tudo, mas algum material copiado escapou à sanha histérica (que o filme reconstitui) num laboratório do Rio de Janeiro.

Coutinho andou fugido, colaborou mais tarde em vários argumentos (**Falecida** de Hirszman, 65, **Garota de Ipanema** de Hirszman 67, **Os Condenados** de Zelito Viana, 74, **Lição de Amor** de Eduardo Scorel, 75, **Dona Flor e Seus Dois Maridos**, 76), dedicou-se mais intensamente ao jornalismo e à televisão e dirigiu duas obras que não deram muito que falar: **O Homem que Comprou o Mundo** (68) e **Faustão** (71).

E eis que, em 1981, dezassete anos depois da abortada tentativa de **Cabra Marcado para Morrer**, aos 48 anos, decide regressar às origens (à Galileia, neste caso) à procura das personagens que deixara sem autor. E reencontra Elizabeth Teixeira, ainda oculta sob o nome de Marta Maria da Costa (Marta por martírio), João Virginio da Silva e mais alguns dos ex-protagonistas do seu filme.

Cabra Marcado para Morrer é a saga de vários reencontros. Reencontro de Eduardo Coutinho com o que fora 17 anos antes, com os tempos da "Canção do Subdesenvolvido", com os mitos trágicos dos anos 60. Reencontro de Eduardo Coutinho com o material que filmara em 64, num preto-e-branco estetizante bem ao gosto do "cinema novo" de então (aqueles grandes planos em "contra-plongé" recortados contra o céu dos seus heróis). Mas também reencontro com uma mulher (Elizabeth Teixeira) que aos 55 anos nada renega dos seus 38 (de nós e do filme se despede com um discurso abertamente militante, que o realizador cobre com música a certa altura) e com

homens e mulheres feitos que deixara crianças e que do passado pouco ou nada recordam, ou recordam sobretudo a dor das separações brutais. Um fala-nos de Cuba, outra duma pobre "tasca" algures no Rio. Eduardo Coutinho foi à busca deles, à busca de si próprio. Que encontrou? Que encontrámos?

Coutinho disse, numa entrevista, que, em 64, queria fazer "um filme tradicional, indo do exterior para o interior" e que em 81-82 fez um filme "que vai do exterior para o interior". Mas também disse que em 64 ignorava muita coisa e se enganava muito e que em 81 já não podia partilhar do mesmo optimismo. E quando o discurso se repete (a tal fala de Elizabeth), é só quando esta não sabe que está a ser filmada e portanto se consente uma liberdade que em muitos outros momentos (por exemplo, nos elogios – espontâneos? pedidos? – ao General Figueiredo) sente vigiada.

Como todos os filmes "em directo", **Cabra Marcado para Morrer** sofre da manipulação dessa própria directividade, o que não deve ser entendido pejorativamente, pois talvez seja inevitável. Ninguém (sobretudo quando teve a vida de Elizabeth Teixeira ou de João Virginio Silva) confia já como confiou um dia. Eduardo Coutinho, em 81, já não, o participante de uma mesma aventura, dum mesmo risco, mas um dos outros (que tratam da vida) a que num dos momentos mais singulares do filme, Elizabeth faz referência. Entre o preto-e-branco e a côr, entre a "máquina subversiva" e a "câmara entronada" do primeiro plano da obra, o olhar mudou, tanto quanto a ficção (que não chegou a existir) de 64 para o documentário (?) de 84.

Realidade e cinema muito se transformaram em vinte anos e, como diria Álvaro de Campos, "as casas não sabem de nada". Mas sabem as caras e os olhares e a aprendizagem da desconfiança que este filme sobretudo é. Um crítico brasileiro escreveu que Eduardo Coutinho quis fazer um filme sobre a esperança e acabou por fazer um filme sobre o medo. O realizador terá razão ao dizer que ambos (esperança e medo) existem em **Cabra Marcado**. Apesar de tudo, o material de 64, a memória de 64 não se apagou. E lá está a espantosa história do "Kaputt" para uma vez mais nos interrogar sobre o poder da ficção e sobre o mistério da esperança nela convocado. Mas está também (e isso é o mais perturbador) um artifício emocional (a insistência dos "zooms" sobre as caras dos personagens, até que eles quebrem) que parece apenas querer forçadamente, ressuscitar uma emoção que já não existe.

Voltar ao passado é muito perigoso. Este filme singular, singularmente o demonstra.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico